

N.º 129 — Lisboa, 21 de julho

5.º ANNO 45

PARODIA

FUNDADOR
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Publica-se ás sextas-feiras
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador da
PARODIA
PREÇO AVULSO 40 RÉIS
Um mez depois de publicado 80 réis

Redacção e administração—Rua dos Mouros, 37, 1.º

Assignaturas (pagamento adeantado)

Lisboa e provincias, anno 52 num. 25000 rs.	Brasil, anno 52 numeros..... 50000 rs
Semestre, 26 numeros..... 15000 »	Africa e India Portuguesa, anno. 25000 »
Cobrança pelo correio..... 5100 »	Estrangeiro, anno 52 numeros... 35600 »

NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre acceptam-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.º de janeiro ou no 1.º de julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES

COMPOSIÇÃO
Anuario Commercial
5, Calçada da Gloria, 5

IMPRESSÃO
A EDITORA
L. Conde Barão, 50

Ordem do dia

● Schah

*A Europa conhece da Persia—
o Schah.*

Mais nada.

*Tambem conhece os tapetes, mas
esse conhecimento é o de alguns eru-
ditos.*

*O Schah é o que se conhece pro-
lixamente da Persia.*

*O Schah é um despota. Corta
cabeças. Mas tem um barrete com
um pennacho de diamantes o que o
torna infinitamente prestigioso.*

*Por isso, a Europa livre, a Eu-
ropa democratica lhe dá vivas e jan-
tares no Elyseo.*



Não é o homem que ella celebra.

— É o pennacho.

A Europa é assim.



A. D'ABREU  ANTIGA CASA
Viuva Soares & Filho

 JOALHERIA E OURIVESARIA 

SEMPRE NOVIDADES

57, e 59, Rua do Ouro, 57 e 59 * LISBOA

Pasta brilhante AMOR

Para limpar toda a qualidade de metaes

Briquetes marca ESPADA

Para limpeza de vidros e espelhos

Garante-se o resultado tanto da pasta como dos briquetes. Depositaris em Portugal: J. B. Fernandes & C.ª Lisboa — Largo de S. Julião, 15 a 18. À venda em todas as mercearias, drogarias e ojas de ferragens. — Grandes soe sojuosap revendedores.

CONTRA A TOSSE

Xarope Peitoral James, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal, e pela Inspectoria Geral de Hygiene da Republica dos Estados Unidos do Brazil. Foi premiado com as medalhas de ouro, nas exposições industrial de Lisboa, e universal de Paris

Acha-se a venda em todas as principaes pharmacias

DEPOSITO GERAL
PHARMACIA FRANCO, FILHOS
Conde do Restello, & C.ª
LISBOA

BELEM

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Muito util na convalescença de todas as doencas, quando é preciso levantar as forças. E hoje muito usado ao *Lunch* e ao *Toast*, especialmente por todas as pessoas de constituição fraca, e que têm a peito a conservação da sua vida. Foi premiado com as medalhas de ouro nas exposições industrial de Lisboa, de hygiene de Londres e universal de Paris. Um calix d'este vinho representa um bom bife.

DEPOSITO GERAL
PHARMACIA FRANCO, FILHOS
Conde do Restello & C.ª
LISBOA

BELEM

BOLSA OFFICIAL DE LISBOA

CORRETOR

VIRGILIO DA COSTA

Escriptorio

RUA D'EL-REI, 112, 114

Empresa Exploradora das
 Patentes "BOOTH", L.ª
 (LIMPEZA POR ASPIRAÇÃO)

PALACIO DA FLOR DA MURTA

162-A, 1.º, R. do Poço dos Negros, 162-A, 1.º

TELEPHONE N.º 646

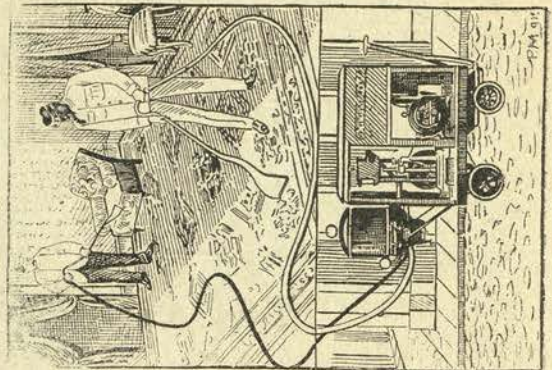
LISBOA

Esta empresa encarega-se da limpeza de tapetes, alfombras, estofos, cortinas, repositores, carruagens, etc., etc., como nos demittes aspiração apresenta innumeras e importantes vantagens:

Evita o levantamento das tapessarias e a sua remoção para locais improprios, deixando-as ficar completamente limpas e as cores mais vivas. Substitue vantajosamente o antigo systema de bater os tapetes com debarras, que apenas levanta a poeira, para novamente a deixar cair sobre o chão. Evita a dispersão dos microbios, por isso que sem o espalhar pela atmosphera.

Esta limpeza pode-se effectuar sem haver necessidade de tirar os moveis das respectivas salas.

A limpeza por aspiração é rapida, higienica e economica



Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

(OBRIGAÇÕES DE SEGUNDO GRAU)

Tendo sido approvadas em sessão de 15 de junho, pela Assembléa Geral dos srs. accionistas d'esta Companhia as contas da gerencia da mesma Companhia e a distribuição do remanescente da exploração no exercicio de 1904 pelas obrigações privilegiadas de segundo grau.

O Conselho de Administração da mesma Companhia tem a honra de prevenir os srs. portadores das ditas obrigações privilegiadas de segundo grau de juro variavel até 3 0/0, 4 0/0 e 4 1/2 0/0, que a datar de 1 julho p. f., lhes será pago o quinto coupon nos termos seguintes:

- pela apresentação do coupon n.º 5 da nova folha d'elles, annexa ás obrigações estampilhadas como privilegiadas de segundo grau, de juro variavel até 3 0/0, recebendo por cada coupon, 6 francos e 99 centesimos liquidos de 51 centesimos d'impostos em França;
- pela apresentação do coupon n.º 5 da nova folha d'elles annexa ás obrigações estampilhadas como privilegiadas de segundo grau, de juro variavel até 4 0/0, recebendo por cada coupon, 9 francos e 39 centesimos, liquidos de 61 centesimos d'impostos em França;
- pela apresentação do coupon n.º 5 da nova folha d'elles, annexa ás obrigações estampilhadas como privilegiadas de segundo grau, de juro variavel até 4 1/2 0/0, recebendo por cada coupon, 9 marcos.

O pagamento será feito nos termos indicados desde o dia 1 de julho de 1905, em Lisboa, na séde da Companhia, todos os dias uteis, das onze horas da manhã ás 2 da tarde, pelo cambio do dia e com isenção do imposto de rendimento para o thesouro portuguez, em virtude do disposto no art. 5.º da lei de 29 de julho de 1899, publicada no *Diario do Governo* n.º 172 de 3 de agosto seguinte.

O pagamento em França, Londres, Allemanha e Belgica, será realisado tambem nos termos acima, desde a mesma data, nos cofres dos correspondentes da Companhia Real, d'accordo com os annuncios feitos em cada paiz.

Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes, em 20 de junho de 1905.

O Presidente da Commissão Executiva
Victorino Vaz Junior



N.º 129 — LISBOA, 21 DE JULHO

5.
ANO
1915

PARODIA

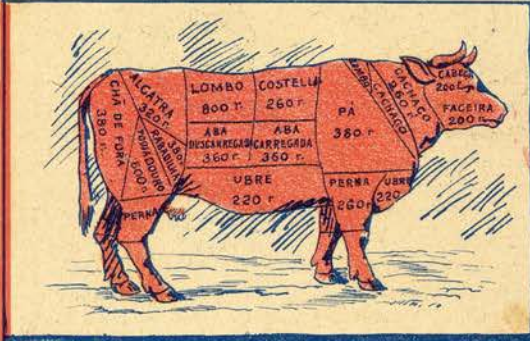
FUNDADOR
RAFAEL BORDALLO PINHEIRO

Publica-se ás sextas-feiras
Toda a correspondência deve ser dirigida ao administrador da
PARODIA
PREÇO AVULSO 40 RÉIS
Um mez depois de publicado 80 réis

Redacção e administração — Rua dos Mouros, 37, 1.º
Assinaturas (pagamento adiantado)
Lisboa e provincias, anno 32 num. 25000 rs. || Brazil, anno 32 numeros..... 50000 rs.
Semestre, 26 numeros..... 15000 rs. || Africa e India Portuguesa, anno 25000 rs.
Cobrança pelo correto..... 5100 rs. || Estrangeiro, anno, 52 numeros.. 35000 rs.
NOTA: — As assinaturas por anno e por semestre acceptam-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES
COMPOSIÇÃO
Minerva Peninsular
82, Rua do Norte, 82
IMPRESSÃO
"A EDITORA"
L. Conde Barão

AINDA A QUESTÃO DAS CARNES



O ARREMATANTE — Que rica mamadeira!...

FEMINISMO

Se caminhamos na vanguarda do progresso não o sabemos. O certo é que o feminismo em Portugal começa a deitar os braços de fóra.

E' o caso que uma senhora que se assigna *Maria* publica no jornal *O Seculo* um appello ás senhoras portuguezas para que se organisem em associação de soccorros mutuos, fundando esta reclamação nas seguintes razões :

Dizem muitos inexperientes que a mulher não precisa d'essa providencia, pois que tem o homem para a proteger.

Nunca devemos estar dependentes de outras pessoas, pois que o acaso e o egoísmo não permitem que a mulher esteja á espera de uma esmola que, muitas vezes, é recebida á custa de humilhações e de vergonhas.

Com medo de se tornarem invalidas nas luctas da vida, muitas mulheres casam para que o seu futuro esteja assegurado.

N'esta ordem de idéas torna se o casamento n'um verdadeiro asylo, em lugar de paraizo; e em vez de haver amizade sincera e franca, reina a hypocrisia e a dissimulação da escrava para com o senhor. A maior parte das mulheres trabalham bastante e não tem uma associação que as possa proteger na inhabilidade. Assegurando uma pensão á mulher, já ella se não inquietará tanto pelo futuro.

Unam-se algumas senhoras para mostrar que a mulher tem direito a ter uma associação para as eventualidades da vida. Funde-se uma associação, como os homens possuem, para nos tornarmos fortes e respeitadas.

Faça-se uma propaganda boa para assegurar um futuro bello e sorridente ao sexo fraco.

O tom d'esta reclamação é vagamente hostile, como de resto o é o de todas as reclamações que a mulher formula a favor do seu sexo, no complexo systema das suas relações sociaes com o homem.



A mulher, afinal e secularmente, queixa-se do homem.

Ella pretende viver sob a sua tutela, ser o que ella chama — a sua escrava.

E' isto exacto?

Mas por que razão não se emancipa a mulher?

Ao contrario, ella não só não se emancipa, como procura cada vez mais methodicamente a servidão de que se queixa.

O que faz o homem?

Procura uma profissão.

O que faz a mulher?

Procura casar.

«N'esta ordem de idéas, diz a collaboradora do *Seculo*, o casamento é um verdadeiro asylo».

Assim será; mas para entrar n'esse asylo mettem-se empenhos.



Para que se tornam as mulheres tão exaggeradamente, tão absurdamente bellas? Para que se vestem com uma phantasia tão paradoxal e cara? Para que se arregaçam com uma petulancia tão affrontosa, que o homem d'hoje baixa os olhos diante da mulher, quando não os levanta espavoridos? Para que se adornam de tantas graças exteriores e — interiores? Para que chegam mesmo a educar-se? Para que leem Musset? Para que tocam Chopin?



Para casar.

Quem pensa em dar uma profissão á mulher?

No que todos pensam é em lhe dar — um marido.

Educa-se o homem — para a vida. A mulher educa-se — para o homem.

A mulher, por sua vez, procura por acaso essa profissão?

Por sua vez a mulher não procura senão — um marido, e instinctivamente, ella sem razão.

Sim! Toda a razão.

O erro, a nosso ver, do feminismo militante, nas suas formas fanaticas e petroleiras, está em confundir deploravelmente as funcções sociaes do homem com as da mulher, tornando-as equivalentes, o que não é um facto, por que, ao contrario, são profundamente diferentes, e sendo diferentes, como são, exercem-se em virtude de um mechanismo diferente.



A funcção social da mulher é — ter filhos. Se isto é estar na dependencia do homem, convenhamos que ella está na sua dependencia. Se isto é ser escrava convenhamos que ella é.

No exercicio d'esta funcção social, a mulher tem uma profissão, que é — ser mãe, e se como mulher ainda pode imaginar-se na dependencia do homem, como mãe não o está. Como mãe, a mulher contribue para a economia conjugal com uma porção de trabalho, de esforço, de intelligencia e de coragem, que o marido nunca paga.

O exercicio proveitoso de toda outra profissão é incompativel com o mistér da maternidade. Não é facil crear seis filhos e ser ao mesmo tempo medico, advogado, engenheiro ou funcionario publico. Logo que a mulher-mãe se consagra a qualquer oc-

cupação que não seja a de crear os filhos — abandona os filhos.

N'estes termos, que o marido dê o dinheiro das compras é perfeitamente logico.

O vicio das relações sociaes entre o homem e a mulher não está, pois, na presumida dependencia de uma para com o outro, mas na incompreensão dos superiores fins humanos que os impellem um para o outro.

O vicio das relações sociaes entre o homem e a mulher chama-se galanteria, chama-se seducção, chama-se — *perfidio meio*.

A mulher não procura o homem para ser mãe. A mulher que o fizesse com este puro sentimento levantaria a humanidade aos seus mais altos cimos. Procura-o para ser — mulher, em todos os sentidos latentes e patentes d'esta mysteriosa palavra.

Diz a collaboradora do *Seculo* que o casamento é um azylo.



N'esta ordem de idéas não o é. O Azylo chama-se sobriedade, frugalidade, disciplina; e o casamento, tal como o procura geralmente a mulher, chama-se exuberancia, abundancia, prodigalidade, gula.

O que a mulher procura na casamento é — *ser feliz* e ser feliz, para a mulher, é, antes de mais nada, obter a posse de um certo numero de gosos materiaes. Os bens espirituaes tambem lhe são precisos, mas não completam a sua felicidade. A mulher, como muito bem o diz Schopenhauer, seu illustre detractor, só vê as coisas proximas. As coisas remotas só as vê depois. A primeira coisa para que ella olha no casamento é para — a dispensa.

A sua dependencia para com o homem é assim immediata e precisa.

O que ella procura extensivamente não é o pae, com as suas remunerações. E' o marido, com as suas comodidades.

Emquanto não é mãe, a sua dependencia é das mais apertadas. Não ha associação de interesses mais desigual. A unica força productora do lar é o marido. Ella consomme. Mas sobrevem a maternidade e, pela maternidade, ella emancipa-se. Desde que é mãe restabelece no lar o equilibrio economico. Produz.



A autora da carta ao *Seculo* não julga, no entanto, as mulheres sufficientemente protegidas pela maternidade e insiste pela sua idéa de uma associação feminina destinada a assegurar-lhes o futuro.

A unica associação que, n'este ponto de vista, nos parece offerecer garantias serias é uma associação — de parteiras.

JOÃO RIMANSO.



Nós e a Associação dos Medicos

Tendo a Associação dos Medicos decidido cortar as suas relações com a *Parodia* não a assignando a partir do presente semestre, decidimos nós, por nossa vez, cortar as nossas relações com aquella associação fazendo grêve como tributarios da clinica medica e bem assim cirurgica, isto é, — como doentes.

Não sabemos se este facto já se deu.

Nós vamos tomar a iniciativa de abrir o precedente, decididos a não capitular, emquanto a Associação dos Medicos não voltar a inscrever-se no numero dos assignantes d'este jornal.

Para esse effeito já nos munimos de uma pharmacia de viagem e de um dictionario de Chernoviz, ao mesmo tempo que estreitamos relações com um hervanario, a quem traziamos debaixo d'olho, na expectativa dos acontecimentos.

Com a coadjuvação d'estes elementos esperamos poder passar sem medico, até final resolução do gremio em questão.

Procuramos as razões d'este rompimento e não as encontramos senão na nossa victoriosa saude.

A Associação dos Medicos imaginou vêr em nós alguma coisa mais do que — *des gens bien portants*.

Tanta saude pareceu-lhe um caso de animosidade. Não o era. Nós tinhamos saude sem a menor intenção aggressiva. Tinchamos saude por bonhomia, por bondade de character, talvez por fraqueza.

Agora, não. Agora vamos ter saude, como os couraçados tem couraça — para combater, para resistir.

N'esta ordem de idéas e para começar, vamos pintar a *Parodia* — com tintura de iodo.



E' uma precaução e é — uma côr a mais.

INFLUENCIA INGLEZA



A entrada do branco nos costumes constitucionaes

O dilemma do sr. Sousa Coutinho

Um telegramma de Lisboa para o *Primeiro de Janeiro*, referindo mais uma vez o conhecido caso do sr. D. José de Sousa Coutinho, diz: «O sr. D. José foi ameaçado de ser enviado para Timor, se não se calar.»



A' força de ouvir fallar de Timor, como de uma ameaça terrivel, nós acabamos por nos persuadir de que Timor é uma d'essas ilhas oceanicas, como aquellas de que nos dão relação Bougainville e La Perouse, as ilhas Salomão e as Novas Hebridas, por exemplo, onde o menos que pôde succeder ao europeu é ser comido vivo.

A Oceania é o ultimo reducto do cannibalismo. Já os povos negros da Africa central renunciaram á carne humana, como indigesta, e ainda nas ilhas do Almirantado se celebram com pompa, banquetes de antropophagos. Nas ilhas Fidji um homem ainda é um manjar.



A ameaça constante de Timor faz-nos persuadir de que n'esta remota colonia portugueza se come gente, e sendo assim nós comprehendemos por um lado que os poderes publicos a agitem afim de procurar produzir um terror salutar e que, por outro lado, os povos a receiem além de toda a medida.

Timor seria o paiz — de que se não volta.

E' sobre este destino sombrio que os poderes publicos pensam dirigir o sr. D. José de Sousa Coutinho, se este cavalheiro — não se calar.

Nós podiamos aconselhal-o a que se calasse. Um dever mesmo de hu-

manidade nos levaria a dar-lhe esse conselho. Mas não ignoramos que não é facil estar calado. Ha naturezas irresistivelmente loquazes e enfermando de um verbo immoderado. O sr. D. José de Sousa Coutinho seria uma d'ellas. Nós não temos a pretensão de a corrigir reduzindo-a pela persuasão a um silencio que os poderes publicos lhe querem impôr pela violencia.

Deixemos pois, o sr. Sousa Coutinho entregue ás suas fatalidades organicas, mas façamos algumas restricções á fatalidade do seu destino.

O seu destino é Timor?

Timor, digamol-o desde já, não nos parece applicavel ao sr. Sousa Coutinho.

E' preciso não distribuir Timor a torto e a direito. E' preciso dar Timor a quem o merece, e o sr. Sousa Coutinho — que elle nol-o perdoe — não o soube merecer ainda.

Timor é talvez um lugar de cannibae, mas Timor é tambem um exilio de philosophos. Os que escapam á voracidade autochtone, fazem apostolado.



Timor é a anarchia, e a anarchia não é, como tantos suppoem, uma banal receita de explosivos. A anarchia é um systema philosophico.

Para ir para Timor é preciso ter lido pelo menos Proudhon, e está bem demonstrado que o sr. Sousa Coutinho o tenha lido? Da natureza das suas reclamações não resulta essa convicção.

O sr. Sousa Coutinho o que é, afinal?

Apenas um crédor do Estado.

O que reclama elle?

Uma sociedade nova? Novos fundamentos humanos? Novas construcções sociaes?

O sr. Sousa Coutinho reclama apenas algumas joias — velhas.

N'estes termos, se ha lugar de exercer contra elle qualquer represalia, essa represalia não pôde ir até Timor.

Timor para o sr. Sousa Coutinho não é já iniquo. E' despropositado.

Se o sr. Sousa Coutinho é um crédor incommodo, chicaneiro, palrador e má lingua ha uma unica coisa a fazer para o condemnar — é não lhe pagar.

O Timor dos crédores chama se — esquecimento, solução que não in-

culcamos senão como alternativa á sua pena e para o effeito de a minorar.

Entre não pagar ao sr. Sousa Coutinho e mandal-o para Timor é mais humano — não lhe pagar.



O principe de Battenberg em Lisboa, ou algumas reflexões sobre o habito de madrugar.

Foi alguma coisa fallado o caso de o principe de Battenberg ter ido ás 10 horas da manhã a casa do sr. presidente do conselho, afim de o visitar, e não ter conseguido realizar a sua visita, por aquella hora o sr. presidente do conselho estar ainda recolhido.



A este respeito os jornaes fazem um pouco — politica de opposição.

Nós não estamos de accordo em que se deva fazer opposição ao sr. presidente de conselho, por motivo dos seus habitos pouco matinaes.

Na vida das cidades os madrugadores constituem excepção.

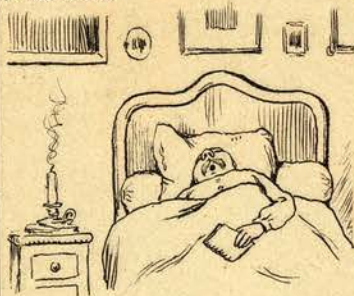
Comprehende-se que se madrugue no campo. O campo é a natureza e na natureza todos, animaes e gentes, se levantam com o sol. Na natureza o repouso e a vigilia correspondem exactamente ás phases da noite e do dia. Quando escurece, no campo, recolhe-se tudo. Recolhem-se as gallinhas e recolhem se os homens. Levantar cedo ali, não é uma disciplina — é uma disposição natural das coisas. Na natureza, o homem nasce com o sol.

Nas cidade esta harmonia deixa de existir, porque nas cidades não é a natureza que manda: é a sociedade.

Ora, a vida em sociedade é incompatível com os habitos madrugadores.

A vida na natuaeza interrompe-se com o pôr do sol. A vida em sociedade entra pela noite dentro.

Já os camponezes nos seus catres dormem a sonno solto quando nós vamos para a meza—jantar. Quando nós recolhemos do theatro, começam no campo os gallos longicuamente a cantar. E recolher do theatro não quer dizer—dormir. Recolher do theatro é simplesmente—recolher a casa. Em casa ainda ha o chá, a palestra nocturna, o lento despir, os jornaes da noite, o livro que se vae lendo aos pedaços e que está sempre á cabeceira.



Bref, normalmente, o homem das cidades não prega o olho menos das duas, o que quer dizer que tudo lhe correu admiravelmente.

A essa hora, no campo, já as chaminés, aqui e ali, fumegam.



Mas recolher á meia noite, estar na cama ás duas é estar na normalidade, e nas cidades tudo é imprevisto, ao contrario do que succede no campo, onde tudo é monotonia.

As festas, os bailes, as soirées perturbam consideravelmente a regularidade da existencia nas cidades. Já o sol é nado, o campo está em festa, semeia se, colhe se, ceifa se, monda-se, vindima-se, quando ainda nas cidades se recolhe a casa, cabeceando, se fecham as janellas por onde entra a luz incommoda do sol e se principia—a dormir.

Depois, as inquietações, as insom-

nias, os sonhos máos, as dôres de estomago, as dôres de dentes, as dôres de cotovello—coisas ignoradas na natureza—acabam de roubar á noite, nas cidades, o seu direito ao repouso.

N'estes termos, pedir ao homem das cidades que se levante cedo é impôr-lhe uma verdadeira flagellação.

Certo, muita gente na cidade se levanta cedo; mas essa gente não vive na Cidade, vive na Disciplina. Levantam-se cedo os necessitados, os enfermos, os misantropos e alguns contínuos de secretaria.

E' ver a cidade pela manhã. Toda ella tem o ar estremunhado. Ao meio dia, nas ruas, ainda se esfrega os olhos.



Independentemente do grande numero de individuos que se levantam tarde, porque se deitam tarde, ha os que se deitam cedo e se levantam do mesmo modo—tarde.

São os que tem o prazer da cama. A esta cathegoria pertence, cremos, o sr. presidente do conselho.

Sua ex.^a aprecia como tanta gente, ai de nós! como nós! o que n'uma gria amavel se chama—o choco.

E'lhe grato, abrindo uma palpebra ainda pesada á luz da manhã, fechar a outra, e, n'este doce exercicio, se demorar affeiçoando-se assim ao pensamento voluptuoso de dormir—acordado.



Com effeito, o prazer de dormir só é incompleto, por não o sentirmos. Ah! se nos sentissemos dormir, o mundo seria uma vasta raposeira!

E'lhe grato despertar com suavidade.

Os hygienistas aconselham o despertar brusco e o salto da cama. Os hygienistas são os algozes da humanidade; e se ficar na cama um bom pedaço não é hygienico é, pelo menos, bem agradável.

O sr. presidente do conselho lê talvez os jornaes na cama. E' infinitamente aprazível reconhecer da cama que a humanidade está em movimento e que nós estamos em repouso.



Não ha quem goste de almoçar na cama? O homem é egoista e estima pôr em contribuição, a seu favor, todas as actividades as mais familiares.

O sr. presidente do conselho almoça talvez na cama e não seremos nós quem lh'o leve a mal.



O que succedeu portanto?

Sucedeu que o principe de Battemberg madrugou. Mas por Deus! não é justo que os habitos de um homem ponham em cheque os habitos de uma collectividade, e o sr. presidente do conselho não é um homem que se levanta tarde—é a Patria, que nunca madruga.



ATB

OS INGLEZES EM LISBOA



AGUA DE MEZA SAMEIRO

de uma leveza extraordinaria e de uma pureza indiscentivel, engarrafada debaixo de todos os preceitos indicados pela Sciencia.

As garrafas e as ro-lhas usadas no en-garrafamento da Agua de Meza

Sameiro

São sempre esterilizadas

É já conhecida pelas suas pouco vulgares qualidades em quasi todos os paizes estrangeiros e nas colonias portu-guezas.

Está á venda: em todos os estabelecimen-tos importantes de Portugal

Preços de venda a retalho
Cada garrafa de 1/2 litro 80 rs.
" " " 1/4 litro 50 rs.

Deposito geral no Porto:

C. Coverley & C.^a
Reboleira, 55, 1.^o

Endereço telegraphico—COVERLEY
Telephone n.º 18

Em Lisboa:

Manoel José da Silva
RUA D'EL-REI, 31, 2.^o
Telephone n.º 512

Endereço telegraphico—MISSILVA

OURIVESARIA E RELOJOARIA

com officina annexa
de fabrico
e concertos



Jóias
com brilhantes
Preços limitadíssimos

99, Rua Aurea, 99

CONTRA A DEBILIDADE

Farinha Peitoral Ferruginosa
da pharmacia Franco

Esta farinha, que é um excellent alimento reparador, de facil digestão, utilissimo para pessoas de estomago debil ou enfermo, para convalescentes, pessoas idosas ou creanças, é ao mes-mo tempo um precioso medicamento que pela sua acção tónica reconsti-tuinte é do mais reconhecido proveito nas pessoas anemicas, de constituição fraca, e, em geral, que carecem de for-ças no organismo. Está legalmente au-torisada e privilegiada. Mais de 300 attestados dos primeiros medicos ga-rantem a sua efficacia.

Conde do Restello & C.^a

• LISBOA—BELEM



EMPRESA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

SERVIÇO DA COSTA OCCIDENTAL E ORIENTAL D'AFRICA
ITINERARIO

Lisboa..... Part.	1	7	22	Moçambique.-Part.	9	—	—
Madeira.....	—	9	—	Beira.....	11/12	—	—
S. Vicente.....	—	13	—	Lourenço Marques.	14/16	—	—
S. Thiago.....	—	14/15	28/29	Mossamedes.....	—	8	24
Principe.....	—	23/24	7	Benguella.....	—	9/10	25/26
S. Thomé.....	13/14	25/27	8/10	Novo Redondo....	—	11	27
Landana.....	—	29	—	Loanda.....	26/27	12/13	28/29
Cabinda.....	—	30	12	Ambriz.....	—	14	30
St.º Ant.º do Zaire.	—	—	13	Ambrizette.....	—	15	1
Ambrizette.....	—	—	14	St.º Ant.º do Zaire.	—	—	2
Ambriz.....	—	1	15	Cabinda.....	—	16	3
Loanda.....	17/18	2/3	16/17	Landana.....	—	17	—
Novo Redondo....	—	4	18	S. Thomé.....	30/1	19/21	5/7
Benguella.....	—	6	20	Principe.....	—	22	8
Mossamedes.....	—	7/8	21/22	S. Thiago.....	—	30	17
Bahia dos Tigres..	—	—	23	S. Vicente.....	—	—	18
Porto Alexandre..	—	—	23	Madeira.....	—	—	22
Lourenço Marques.	28/2	—	—	Lisboa..... Cheg.	13	6	24
Beira.....	4/5	—	—				
Moçambique-Cheg.	7	—	—				

VAPORES: Ambaca—Cazengo—Cabo Verde—Angola—Ben-guella—Zaire—Malange—Portugal—Africa—Loanda—Bissau—Bolama—Zambezia—Principe—Mindello—Guiné e Lusitania.

Para carga, passagens e quaesquer esclarecimentos, dirigir-se: No PORTO: aos agentes srs. H. Burmester & C.^a, rua do Infante D. Henrique.

Sede da Empresa: RUA D'EL-REI, 85—LISBOA

Compagnie des Messageries Maritimes

PAQUEBOTS POSTE FRANÇAIS

LINHA TRANSATLANTICA



Para Dakar, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevidéu e Buenos-Ayres

SAIRO
os paque-

tes AMAZONE, commandante Lidin, que se espera de Bordeaux em 24 de julho. MAGELLAN, commandante Dupuy Fromy, que se espera de Bordeaux em 7 de agosto.

O paquete AMAZONE não fará escala por Pernambuco e Bahia.

O paquete MAGELLAN não fará escala por Santos.

Para Bordeaux, em direitura, sairão os paquetes: CORDIL- LERE, commandante Richard, que se espera do Brazil em 26 de julho. ATLANTIQUE, commandante Le Troadec, que se espera do Brazil em 10 de agosto.

Para passagens de todas as classes, carga e quaesquer in- formações, trata-se na agencia da companhia, rua Aurea, 32.

Para passagens de 3.^a classe trata-se tambem com os srs. Grey Antunes & C.^a, Praça dos Remolares, 4, 1.^o.—Os agentes, Sociedade Torlades, rua Aurea, 32.

